

# Narrativas digitais, hipertextos e multiletramentos: aproximações e problematizações

Késsia Mileny de Paulo Moura 

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA, Brasil.

Sérgio Roberto Kieling Franco 

Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

## Resumo

No contexto da cibercultura, as narrativas ganham novos potenciais, visto que a dinâmica que envolve o processo de produção tem novos espaços, formatos e significações. As narrativas, agora digitais, são produzidas no movimento de evolução dos meios tecnológicos e dos usos que fazemos deles para nossas produções. Este texto tem como objetivo discutir a aproximação conceitual entre narrativa digital e hipertexto e levantar problematizações para o ensino considerando a teoria dos multiletramentos. Para tanto, trazemos discussão teórica por meio das vozes e interlocuções de autores que tratam das narrativas digitais, de hipertextos em que circunscrevemos a sua ancoragem, e situamos algumas problematizações na teoria dos multiletramentos.

**Palavras-chave:** Narrativas digitais; Hipertexto; Multiletramentos.

## Abstract

### *Digital narratives, hypertexts and multiliteracies: approaches and problematizations*

In the context of cyberculture, narratives gain new potential, since the dynamics that surround the production process gains new spaces, formats and meanings. Narratives, now digital, are produced in the movement of evolution of technological means and the uses we make of them for our productions. This text aims to discuss the conceptual approach between digital and hypertext narrative and issues for teaching considering the theory of multi-tools. For this purpose, we bring theoretical discussion through the voices and interlocutions of authors who deal with digital narratives, hypertexts in which we circumscribe their anchoring, and we situate some problems in the theory of multi-tools.

**Keywords:** Digital narratives; Hypertext; Multiliteracies.

## Resumen

### *Narrativas digitales, hipertextos y multiletrados: enfoques y problematizaciones*

En el contexto de la cibercultura, las narraciones adquieren un nuevo potencial, ya que la dinámica que rodea al proceso de producción gana nuevos espacios, formatos y significados. Las narraciones, ahora digitales, se producen en el movimiento de la evolución de los medios tecnológicos y los usos que hacemos de ellas para nuestras producciones. Este texto tiene como objetivo discutir el enfoque conceptual entre la narrativa digital y el hipertexto y las problematizaciones para la enseñanza considerando la

teoría de la multiletrónica. Para ello, traemos la discusión teórica a través de las voces e interlocuciones de los autores que se ocupan de las narrativas digitales, hipertextos en los que circunscribimos su anclaje, y situamos algunas problematizaciones en la teoría de los multiletramentos.

**Palabras clave:** Narraciones digitales; Hipertexto; Multillett.

## Introdução

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) ampliaram as possibilidades de expressão, dizeres, enunciação e narrativas, desencadeando alterações nos comportamentos e concepções dos sujeitos, visto que elas legitimam outras formas de sentir, experienciar e compartilhar o mundo. Caracterizam-se como mais um dos espaços constituintes do sujeito contemporâneo, que existe e intervém no mundo digital por meio de seus modos de pensar, manifestar-se e relacionar-se.

Nesse sentido, pensamos que as ações, atuações e produções no ciberespaço podem ser tratadas como narrativas, quando “a vida real passa a ser narrada em espaços virtuais, entre uma linguagem verbal e não verbal” (Prado et al., 2017, p. 1165). Todavia, seu formato difere do gênero narrativo tradicional, por conter outras possibilidades de criação de histórias e discursividades. A dinâmica do processo de produção ganha novos espaços e significações, e os atores sociais se apropriam das ferramentas e linguagens das novas mídias digitais para elaborar suas narrativas.

Conceição et al. (2018), em texto no qual discutem as estruturas narrativas na contemporaneidade utilizadas no ensino, colocam que estas são sustentadas por linguagens articuladas que misturam substâncias orais, verbais, musicais, simbólicas, fixas ou móveis. Daí terem efeito multiplicador e plural sobre as produções. No dizer de Xavier (2015, p. 75), trata-se de uma pluralidade semiótica “viabilizada pelas novas tecnologias digitais de informação e comunicação, ao mesmo tempo em que enriquece uma ideia apresentada em diferentes semioses, cria mais complexidade para ser tratada pelo sujeito”, por incorporar modos enunciativos que incluem palavras, imagens e sons.

As construções que fazemos, portanto, são produzidas nesse movimento hiper e multimodal advindo da evolução dos meios tecnológicos, dos usos e significados que fazemos deles para nossas produções. Dito isso, este texto tem como objetivo caracterizar as narrativas digitais (ND) à luz do conceito e elementos que integram o hipertexto e as problematizações para o ensino, considerando a teoria dos multiletramentos. Esgrime uma pesquisa teórica exploratória, que, no dizer de Minayo (2001),

começa com interrogações sobre um problema, seus pressupostos, teorias e metodologias que o respaldem nas respostas às questões propostas.

Nesse sentido, levando em conta quais apontamentos poderíamos apresentar aqui, investigamos o conceito e as reverberações das narrativas digitais nos escritos de Prado et al. (2017); aproximamos esse conceito à definição de hipertexto colocadas nos escritos de Xavier (2002; 2010; 2015) e Lemke (2002; 2010); e trazemos apontamentos dessas proposições para o ensino por meio dos escritos de Lemke (2002; 2010) e Cope e Kalantzis (2000).

## **Apontamentos sobre as narrativas digitais**

Narrar é lembrar e contar os acontecimentos vividos; neste prisma, as narrativas representam as maneiras de acessar a memória, registrar, ressignificar, inscrever-se e posicionar-se diante do mundo, nos remetendo sempre a registros do cotidiano vivido e experienciado pelos sujeitos e seu coletivo (BENJAMIN, 1994, p. 205). De acordo com o autor, a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, que “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório”. Ela submerge na vida do narrador imprimindo “a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.

Nessa construção pessoal, autorreferente, damos sentido ao vivido na dialética entre o passado e o presente. Assim, narrar é um movimento artístico também, em que, na observação de Benjamin (1994), o artista (aqui o narrador) pode atingir uma profundidade quase mística:

sombras e claridade formam sistemas e problemas particulares que não dependem de nenhuma ciência, que não aludem a nenhuma prática, mas que recebem toda sua existência e todo o seu valor de certas afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesmo, e para as produzir. (p. 220)

No limiar da cibercultura, as potencialidades da narrativa podem ser ainda maiores, tendo em vista os recursos de tecnologia digital que emergem e podem fornecer outros elementos que enriqueçam o processo constitutivo dessa arte. As novas mídias favorecem outros formatos para produção e compartilhamentos de linguagens (CONCEIÇÃO et al., 2018) e são ampliadas nos usos e movimentações dos sujeitos, nas histórias, comportamentos em rede e compartilhamentos de experiências de vida que cada um imprime ao atuar nelas (FERRARI, 2019).

Vale dizer que as mídias se encontram em um trabalho de articulação dos enunciados, nas histórias contadas, seus tempos e seus espaços. Para Castro e Freitas (2010, p. 4) encontram-se nos fazimentos narrativos que surgem de “um acontecimento real ou imaginário, oral ou textual, que é atualizado pela mente do ouvinte ou leitor e acontece em um ambiente de representação”. Isso acontece há muito tempo, desde os registros nas cavernas até as histórias que são contadas hoje.

O meio, a mídia digital, vale destacar, é incorporado às narrativas, deixando de ser somente um mero recurso. O significado do meio não está em si mesmo, está no seu uso. Essa articulação entre o meio e a narrativa produz novas versões e formatos para as histórias e novas possibilidades para outras imbricações, por podermos editar e reeditar, construir e reconstruir o tempo e o espaço em que atuamos através das mídias.

Sobre esse pressuposto do papel das TDIC na inscrição da narrativa, Kieling (2012, p. 754) acrescenta que o descolamento conceitual do meio ocorre “não só da sua condição de suporte ou meio, mas também rompe os limites das próprias condições de produção de cada mídia tal qual foram constituídas”.

Castro e Freitas (2010, p. 4) nos lembram também que temos, no avanço dos recursos digitais, a oportunidade de “desenvolver conteúdos com múltiplas narrativas, histórias paralelas e inter-relacionadas, que o homem busca há tempos na elaboração do próprio olhar, na construção de uma visão pessoal da história”. Eles ampliam as possibilidades de construções narrativas (PRADO et al., 2017), por permitir utilizar outras linguagens de som, imagem, texto e gráfico e suas articulações no contexto digital.

Situada na junção entre os escritos e os recursos tecnológicos digitais de informação e comunicação, a narrativa digital é uma experiência humana que nos permite construir e compartilhar, por meio das diversas linguagens digitais aspectos de nossa vida, a nós mesmos e ao mundo, de forma real e imaginária. Permite também acessar e atribuir significados às coisas do mundo.

Nesse limiar de intersecção podemos citar Robin (2008, p. 1, tradução nossa), que define as ND como combinações da “arte de contar histórias com uma variedade de multimídia digital, tais como imagens, áudio e vídeo”. Histórias em que se misturam gráficos, texto, narração em áudio gravado, vídeo e música para apresentar um assunto específico sob o ponto de vista particular do narrador. A mídia digital para o autor torna-se um elemento promissor na construção da narrativa.

Em consonância, McLellan (2007, p. 66, tradução nossa) trata as ND como “a arte e o artesanato de explorar diferentes mídias e aplicativos de software para comunicar histórias em novas e poderosas maneiras de usar mídia digital”. Sendo as ferramentas bem acessíveis, “a narrativa digital tende a ser altamente pessoal e, ao mesmo tempo, universal. Como resultado, é poderosa forma de comunicação”.

As narrativas digitais não são somente elementos de comunicação, mas também de aprendizagem. Rodrigues (2017, p. 129), entende as ND como aquelas cujo enfoque “centra-se nos processos formativos dos sujeitos narradores (ainda que tenha diferentes recortes contextuais e temporais), utilizam recursos multimodais de linguagem em sua constituição e se apresentam por meio de suportes multi ou hipermediáticos”.

Assim, trata-se de um gênero produzido nessa combinação, que desenvolve uma linguagem própria e formada a partir dos atributos técnicos e estéticos que cada aparato tecnológico oferece e cada sujeito ousa usar e extrapolar em suas construções. Apresenta uma estrutura que permite estabelecer como marcas a criação, a interação e o compartilhamento, tornando-se trilhas e itinerários abertos às construções e reconstruções.

Essa condição fundadora das ND nos aproxima da descrição da propriedade *generatividade* destacada por Bruner (2004, p. 14), que a tem como maneiras livres de representar situações humanas e “também são modos de contar que nos predis põem a usar nossas mentes e sensibilidades de maneira específica”. Como gênero, situam-se entre as representações da ontologia social e da epistemologia em um estilo particular.

Para Prado et al. (2017, p. 1161), a concepção de ND passa a “ocorrer através de um processo de produção textual, que se apropria do caráter recente dos processos audiovisuais e tecnológicos aptos a inovar o ato de contar histórias”. Processos que incluem diversos recursos de sons, imagens e técnicas que ampliaram a forma de narrar.

[...] assim como em tempos passados era feito no entorno da fogueira, as narrativas digitais harmonizam vozes, sons, textos, imagens, vídeos e diferentes recursos tecnológicos para elevar a experiência sensível do leitor e aproximá-lo o máximo possível da realidade. O leitor irá interagir com a história de acordo com seus próprios comandos. Por haver distintas formas de se narrar e combinar os recursos tecnológicos, a potencialidade das narrativas digitais permite dar vazão à interatividade e à criatividade (p. 1164).

Assim, Prado et al. (2017, p. 1172) definem as ND como “distintas formas de produzir um texto, procedentes das práticas das linguagens midiáticas”. Dessa manei-

ra, são um “ato de utilizar-se dos artefatos digitais para se narrar histórias”. Uma história contada a partir dos diversos gêneros textuais e que “abarca o saber, a raciocínio, a identidade e a forma pela qual as pessoas constituem e compreendem o conhecimento acerca de si e dos outros”.

A narrativa digital manifesta-se então como um processo evolutivo das formas de narrar e dos usos das tecnologias, resultado do imbricamento que compôs a história dos gêneros e mídias digitais que fomos desenhando nos usos e apropriações que fizemos. Nesse processo, nos transformamos e transformamos as mídias, que são fundamentais hoje para nossas formas de enunciações, aprendizagens e subjetivações. Com elas, aprendemos e ampliamos as possibilidades de aprendizagem.

Novamente em Prado et al. (2017, p. 1162), as ND buscam “significar uma existência concomitante às possibilidades, assentindo ter em mente, simultaneamente, copiosas e paradoxais alternativas”, que demandam um maior fluxo de interatividade e troca de conhecimentos. Isso demarca suas múltiplas possibilidades e expressões da existencialidade complexa dos sujeitos.

Nossas histórias hoje podem ser registradas e contadas por diversos recursos, que expandem as possibilidades da imaginação e potencializam a produção das narrativas. Por meio das histórias contadas, as experiências ganham significado, e sendo refletidas e interpretadas tornam-se conhecimento (BRUNER, 1991). Além de motivar o autor (sujeito que a elabora), que seleciona, organiza e desenha o que vai transmitir e como vai transmitir, por quais meios fará isso, ocorre aprendizado e subjetivação, à medida que as interpretações e reflexões são formatadas de maneira lógica e significativa.

Diante desses postulados constitutivos das ND, encontramos, pois, a confluência que representa a possibilidade de uma história ser contada de diversas maneiras e versões, com o auxílio de recursos hipermediáticos, que trataremos agora de considerar como as materializações das narrativas digitais nos modos de enunciação hipertextual.

## **Modos de enunciação hipertextual**

Para Xavier (2010, p. 76), “as telas dos dispositivos digitais são os lugares mais comuns onde as ideias, desejos e utopias estão sendo alocadas e acessadas pelos seres letrados alfabética e digitalmente que habitam o mundo atual. As telas são as



argilas, os papiros e os pergaminhos da contemporaneidade”. As novas tecnologias possibilitaram esses encontros de linguagens diferentes ao se materializarem por meio da aglutinação de dados formatados em hipertexto – são particularmente estruturas do hipertexto.

Na conjuntura virtual, de conexão e de muitas semioses constitutivas, o hipertexto é compreendido como modo de enunciação digital. Nisso consegue, de acordo com Xavier (2015, p. 79), “articular todas as diferentes semioses, que denominamos de ‘modos de enunciação’ (verbal oral e escrito, visual estático e dinâmico, sonoro natural e artificial) num mesmo lócus de acesso e percepção”.

Esse modo de enunciação digital apresenta hibridismos e mesclagens de semioses. Possibilita experiências de aprendizagens singulares que vão desde o domínio do objeto do saber ao saber-fazer com aquele objeto. Certamente o usuário do hipertexto sabe muito mais do que decodificar palavras flutuantes na realidade virtual. O uso dessa ou daquela maneira é uma intervenção do sujeito, que constrói, participa e atua de maneira propositiva na construção de aprendizagens e significados (XAVIER, 2010).

Acerca desses modos de enunciação digital, Xavier (2015) nos esclarece quais são eles e as linguagens envolvidas em cada um dos signos que escolhemos para nos expressar e comunicar (Quadro). Embora possam estar mesclados em nossas produções digitais, cada signo preserva suas singularidades.

**Quadro** – Modos de enunciação digital em Xavier (2015).

<b>Modos de enunciação verbal</b>	<b>Linguagem verbal (oral ou escrita)</b>
Modos de enunciação visual	Linguagem visual
Modos de enunciação sonoro	Linguagem sonora
Modos de enunciação digital	Linguagem digital

Fonte: Elaboração própria, a partir de Xavier (2015, p. 79).

Esses modos de enunciação e suas respectivas linguagens, no computador ou em outros dispositivos, oferece ao sujeito contemporâneo modos de expressar e construir sentidos além do verbal e escrito, pois com a digitalização retira-se a centralidade do sentido na linguagem verbal e abrange-se outros modos de enunciação (XAVIER, 2013).

Os hipertextos são, portanto, objetos simbólicos, dispositivos textuais digitais que trafegam *on-line*. São ainda “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (p. 208).

A relação entre hipertexto e virtualidade é marcada por dois momentos. O primeiro remonta à década de 1950, quando os sistemas computacionais surgiram e tinham como preocupação o acúmulo de informações. No segundo momento, já na década de 1980, houve a incorporação de recursos hipermidiáticos, que permitiram, além do acúmulo de informações, a interação entre os usuários, juntamente com ampliação e possibilidades dos suportes e interfaces. Nisso, enuncia-se e viabiliza-se uma nova forma multissensorial de acesso, produção e interpretação de informações (XAVIER, 2002).

Lemke (2010) faz referência a esses momentos, que configura como as gerações das tecnologias interativas. Para o autor, a primeira geração é caracterizada pela simples transposição do modelo do livro-texto para uma nova mídia. Tão logo ele se coloca *on-line* e pode então ser pesquisado, indexado e referenciado com outros, nasce a segunda geração, em que agora

O texto é simultaneamente um banco de dados e o hipertexto nasce (Nelson, 1974; Landow, 1992; Bolter, 1991 e 1998). [...] Agora a aprendizagem muda. Em vez de sermos prisioneiros de autores de livros-texto e de suas prioridades, escopos e sequência, somos agora agentes livres que podem encontrar mais sobre um assunto que os autores sintetizam, ou encontrar interpretações alternativas que eles não mencionaram (ou com a qual concordam ou até mesmo consideram moral ou científico). Podemos mudar o assunto para adequá-lo ao nosso juízo de relevância para nossos próprios interesses e planos e podemos retornar mais tarde para um desenvolvimento padrão baseado no livro-texto. Podemos aprender como se tivéssemos acesso a todos esses textos e como se tivéssemos um especialista que pudesse nos indicar a maioria das referências entre tais textos. Temos agora que aprender a realizar formas mais complexas de julgamento e ganhamos muita prática fazendo isso (p. 471-2, tradução nossa).

Esse novo espaço de linguagem e comunicação convida, então, os usuários a formas não lineares de interação, em que, segundo Lemke (2002), são pertinentes as diferenças marcantes entre o texto impresso e o formato hipertextual. Essa diferença não está somente na tecnologia em que o texto se apresenta, a forma como tomamos a leitura daquele texto também se difere. Na textualidade, podemos tomar leituras não lineares, podemos passear durante a leitura, começar de cima para baixo, de forma transversal, de forma sequencial, de acordo como nosso interesse. Na hipertextualida-



de também, acrescida a ideia de rede de conectividade para além daquela unidade de texto, e não existe uma sequência padrão para o texto, o que se conta são as trajetórias e laços em diferentes escalas, sem unificação ou sequência.

O hipertexto seria um conjunto integrado de nós e suas ligações (LÉVY, 2001). Em consonância, Nojosa (2019, p. 74) trata o hipertexto como “um conjunto de nós de significações interligados por palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos e sequências sonoras”, e suas contribuições para as narrativas digitais estão ancoradas na superação das limitações que o texto tradicional apresenta. Além da não fragmentação de sentido do texto, pelo contrário, busca ampliá-lo em sua rede de significações.

Nesse sentido também nos fala Xavier (2015, p. 77) sobre o hipertexto, tratando-o como “um ‘grande texto’ tal como o prefixo ‘hiper’ sugere. O termo foi cunhado no final dos anos 1960 por Ted Nelson (1992)”. Se o submetemos como evento de comunicação, o “hipertexto é um texto dentro de outro e vinculado a outros formando uma rede de eventos de comunicação em que informações e ideias se encontram de alguma forma conectadas entre si” (XAVIER, 2015, p. 77).

Diz o autor ter sido isso uma chave mágica empregada para as codificações do que transita entre nós, entre computadores, entre as linguagens, narrativas e outros gêneros textuais. O hipertexto formatado no campo digital com as ferramentas de comunicação permite a contiguidade da experiência da ação e a experiência do saber, sempre muito relevante nos processos educativos. Abordando essas questões, nos aproximamos do hipertexto *on-line*, que apresenta características essenciais que o diferenciam do hipertexto *off-line*.

Para Xavier (2015), são cinco os traços constitutivos de um hipertexto *on-line*. A imaterialidade/virtualidade é um deles e refere-se a algo que podemos ver e tocar pelos dispositivos tecnológicos, mas não o sentimos fisicamente, como em um texto impresso que dobramos e passamos de página em página: “pelo fato de ele ser imaterial, ou melhor, virtual, ele existe, mas não pode ser tangido pela sensação humana, pois não se trata de objeto concreto” (p. 81).

O segundo traço é a ubiquidade, no sentido de um mesmo objeto (texto) estar presente em vários lugares ao mesmo tempo. Dada a sua imaterialidade, um hipertexto pode existir e ser acessado simultaneamente com uso de vários dispositivos, por pessoas localizadas em lugares diferentes. Para Xavier (2015, p. 81),

“essa onipresença permite uma multiplicação da mesma página web, ampliando imensamente o acesso a conteúdos diversos se comparado à tiragem impressa de um determinado texto”.

A convergência de linguagens é outro traço. Ainda em Xavier (2015, p. 81), “o hipertexto abraça tecnicamente todos os modos de enunciação e ‘distribui’ de modo equânime, na tela digital, a presença significativa que cada um deles possui na construção do sentido de informações hipertextualizadas”. Como já tratamos, a convergência de mídias engendra a convergência de linguagens, fazendo nascer novos modos de dizer, que se utilizam das semioses produzidas para se estabelecer.

Foi por meio da convergência de mídias que pudemos expor e consumir diferentes semioses de cada uma das mídias e dos produtos construídos com e a partir delas. Com o entendimento de que novos espaços contemporâneos de representação dos sujeitos nascem daí, o contexto da cibercultura traz, portanto, diferentes perspectivas, mídias e formatos para as narrativas, já que é um espaço no qual as possibilidades de linguagem e comunicação estão abertas, o que permite fazimentos outros.

O quarto traço pontuado pelo autor é a não linearidade, ou a deslinearidade, como princípio de produção do hipertexto, que não tem equivalência com a descontinuidade. Embora o hipertexto não imponha uma ordem das partes ao usuário – o que já o distinguiria do texto convencional –, essas partes não são elementos dispostos de forma aleatória sem ligação e sem sentido.

Antes, pois, o hipertexto distancia-se das formas tradicionais na apropriação e produção de um texto, tornando esse processo mais flexível e colocando para o usuário um controle maior sobre o percurso que toma na obtenção de informação e conhecimento. Esse é o adicional de liberdade de que trata Cruz (2007), quando diz que o usuário segue o caminho que lhe for mais aprazível e no seu próprio ritmo. Esse adicional caracteriza e distingue o hipertexto do texto comum.

Existe na tela um convite sugestivo ao usuário para adotar seus caminhos, um convite à violação, que nos lembra uma outra propriedade da narrativa descrita por Bruner (2004), a de *canonicidade e violação*. Por meio dela, o autor afirma que as narrativas provêm da violação dos enredos convencionais contados, dando poder e inovação a quem narra. Nisso aproximamo-nos novamente de Xavier (2010), quando concebe a deslinearização do hipertexto como regra de sua constituição. O autor acrescenta ainda que “a inovação trazida pelo hipertexto está em transformar a des-

linearização, a ausência de um foco dominante de leitura em princípio básico de sua construção” (p. 213).

O último traço apontado por Xavier (2015) é a intertextualidade infinita, em que nada surge do nada, “todos os textos estão formando uma grande ‘memória discursiva’. Referir-se a tal confere racionalidade e autenticidade às ideias formatadas em texto e agora em hipertextos. Perpetua-se infinitamente a cadeia de dizeres realizados e atualizáveis que estão dialogando entre elas” (p. 82). É um texto que cresce de maneira desmensurada, um grande texto, composto do cruzamento de outros diversos textos.

Considerando essas características, as comunicações, as narrativas produzidas pelos sujeitos na contemporaneidade estão cada vez mais ligadas ao hipertexto, zona em que as linguagens se cruzam, e se cruzam semioticamente, quando os elementos de som, texto e imagem têm diferentes significados e em ligação estruturam um outro sentido da linguagem produzida. No dizer de Nojosa (2019, p. 74), trata-se “de conceber as narrativas a partir de nova complexificação”, que transporta o “centro de circulação da informação para redes de significações discursivas” em teia não linear e com múltiplas possibilidades de interação.

Nesse alinhamento, vemos surgir com as tecnologias digitais essas muitas possibilidades de produzir textos, transmitir e receber informações e conhecimentos, de informar e informar-se, de comunicar e comunicar-se, enunciar e narrar. As maneiras de expressar e enunciar estão mais acessíveis e facilitadas, propostas de forma plural e horizontalizada. Uma vez que essas novas possibilidades de constituição de nossas narrativas, materializadas nas linguagens e nos signos que circulam no meio digital, afetam os nossos processos constitutivos e de aprendizagem, precisamos melhor problematizar e estudar esse quesito com foco no ensino, que buscamos apontar no que se segue.

## **Considerações e problematizações no ensino à luz da discussão sobre multiletramentos**

Para Canini (2018, p. 61), as facilidades de manipulação de linguagens verbal ou imagéticas alteram nossa forma de produzi-las, usá-las, interpretá-las e transformá-las, surgindo “outras maneiras de comunicar ideias, sentimentos e toda a diversidade da expressão humana, por meio de diferentes extensões de tempo, espaço e interlocutores, sobretudo devido à multiplicidade de suportes e recursos digitais disponíveis”.

No tocante a isso, vale considerar que o hipertexto não corresponde a uma simples substituição de meios e modelos, mais que isso, representa mais uma nova forma de gerir e gerar conhecimento. A linguagem hipertextual é mais que uma nova maneira de dispor as informações, instiga matrizes e as organiza. Em cada avanço na linguagem, alteram-se também os modos de informação, conhecimento e aprendizagem.

As narrativas no formato hipertextual apresentam implicações, possibilidades e contribuições para o ensino; vão desde os favorecimentos ao contar a si mesmo e recriações de si, a criatividade, inovação e apropriação de outras linguagens e mídias digitais, além do fato de as narrativas criadas com os recursos digitais habilitarem tecnologicamente o sujeito. Nesse contexto, impõe considerar essas complexidades e efeitos do contexto sociocultural tecnologizado às práticas educativas, no que tratamos aqui como multiletramentos.

Os novos meios de comunicação alteraram os modos de usarmos a linguagem, e os significados que atribuímos sobre cada construção e recurso utilizado estão atrelados cada vez mais à multimodalidade. Por essa razão, são necessários multiletramentos, na tentativa de negociar o uso e os significados dos recursos e mídias digitais para a produção dessas novas linguagens, que se articulam e dão origem a novas produções e podem ser usadas no ensino.

Sobre isso resolveu estudar o *New London Group* (GNL), tomando como argumento a necessidade de discutir o futuro do ensino para atender às novas exigências sobre as pessoas e seus espaços criadores de linguagens, inclusive as digitais, desenvolvidas a partir do uso das tecnologias.

Para o GNL, a sociedade globalizada exige que se expliquem as multifacetadas das culturas, bem como a pluralidade de textos que circulam nos meios em que os sujeitos atuam. Esse grupo teve início com as averiguações de pesquisadores dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Austrália a respeito das alterações nos usos da linguagem e na maneira de perceber e atuar no mundo.

As contribuições do GNL residem principalmente em considerar não um letramento, mas múltiplos, daí o termo multiletramentos, partindo do pressuposto de que nenhum texto comumente escrito traz somente uma implicação linguística e verbal. Qualquer texto é multi e leva em conta a multimodalidade de linguagens presentes na produção (escrita, gestual, visual, audiovisual), bem como a multiplici-

dade de significações dos contextos e culturas trazidos pelos significantes (COPE, KALANTZIS, 2000).

Os processos de ensino e aprendizagem de multiletramentos precisam se debruçar sobre os vários formatos de texto ligados às TDIC e suas linguagens. Nisso inclui-se compreender as competências representacionais que relacionam imagem e palavra escrita, *design* visual e interface dos significados multimídia, dentre outros aspectos (COPE, KALANTZIS, 2000).

Nesse ínterim, trazemos a definição de Lemke (2010, tradução nossa) ao tratar de letramentos. Para o autor, esses são legiões e cada um deles estaria impregnado no que a leitura e a escrita significam, bem como nas marcas que trazem do contexto em que são desenvolvidas, ou seja, o letramento não está ancorado somente em um aspecto do processo, mas no fazer, no como fazer e no qual significado resulta dos fazimentos.

Consiste em um conjunto de práticas sociais interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado (LEMKE, 1989a; GEE, 1990; BEACH, LUNDELL, 1998). Cada um deles é parte integral de uma cultura e de suas subculturas. Cada um tem um papel em manter e transformar a sociedade, porque os letramentos produzem ligações essenciais entre significados e fazeres. Os letramentos são, em si mesmos, tecnologias e nos dão as chaves para usar tecnologias mais amplas. Eles também produzem uma chave entre o eu e a sociedade: o meio através do qual agimos, participamos e nos tornamos moldados por sistemas e redes ‘ecossociais’ mais amplos. Os letramentos são transformados na dinâmica desses sistemas de auto-organização mais amplos e nós – nossas percepções humanas, identidades e possibilidades – somos transformados juntamente com eles. (p. 455-6)

Os letramentos não podem ser dimensionados, portanto, em habilidades, domínio ou mecânica do ler e escrever. Tampouco se trata de competências em uma acepção genérica ou isolada de significados, como nos adverte Lemke (2010). Nesses termos nos distanciaríamos de precisar suas especificidades e transcendências. Refere-se a práticas sociais competentes de utilização da leitura e escrita e – por que não incluir, por efeito? – de comunicação. Letramentos, aqui, são usos “eficientes”, “competentes” e cujas práticas têm significado. Por isso usos e significados são dialógicos.

Na acepção do autor, são multiletramentos pelo leque de significados resultantes das combinações de diferentes semióticas multimidiáticas, que podem ser adquiridas ou aprendidas de maneira simultânea. Para ele, não é preciso dominar

a linguagem visual separadamente e depois a linguagem de áudio, a aprendizagem ocorre em conjunto e, dessa maneira, o ensino não pode ser pensado de forma fragmentada e gradual.

O modelo multiplicador de letramentos traz não somente a possibilidade de comparação entre as diferentes tradições de ensino de leitura e escrita e as possibilidades de uso, mas especialmente as novas combinações que merecem ser experimentadas. Nesse sentido, “tanto as habilidades de autoria, quanto as habilidades críticas e interpretativas voltadas à multimídia transformam potencialmente não apenas a forma como estudantes e professores comunicam suas ideias, mas também as formas como aprendem e ensinam” (LEMKE, 2010, p. 468, tradução nossa).

Essas implicações para o ensino podem colocar o aprendente como alguém que irá se apropriar dessas novas linguagens e mídias digitais para construir e produzir suas histórias, saberes e experiências, processo fundamental para nossa forma de comunicação e aprendizagem. Por meio das nossas histórias digitais, as experiências ganham significado e, sendo refletidas e interpretadas, tornam-se conhecimento sob variados aspectos.

Nesses caminhos definidos e materializados, o sujeito representa suas ideias, seus enunciados, suas narrativas. Utiliza-se de distintos modos semióticos para isso, que carregam seus próprios significados. Com efeito, os multiletramentos favorecem caminhos potenciais diferentes na construção de narrativas digitais, e cada usuário, de forma autoral, pode definir seus trajetos e emergências como resultado de sua interação com as hipermídias.

## **Considerações finais**

Considerando que as produções são construídas com as TDIC, nos recursos digitais e expostas por meio dos suportes hipermediáticos, a multiplicidade de linguagens e semioses que podem sustentar as produções de ND têm efeito plural e multiplicador nos formatos e significações.

As ND em formatos hipertextuais proporcionam maneiras distintas de composição e apresentação das histórias, por meio dos usos de recursos de som, imagens e interfaces. Sobretudo, essa é a maior característica da ND segundo a discussão dos autores citados: a oportunidade de conectar diversas mídias e linguagens para expressar-se e enunciar atribuindo significado a cada texto, uso e formato construído.



Considerar essa questão é importante para entendermos que as intervenções digitais realizadas pelo sujeito contemporâneo – que, de posse de um recurso tecnológico, pretende produzir e compartilhar uma mensagem, um dizer, uma narrativa – não são simplesmente replicações convencionadas pela estrutura do recurso, embora possam sê-las. São principalmente construções ancoradas pelas multimídias para representar, para contar, para narrar.

Em vista disso, estamos vivenciando um momento de mudança nos suportes e comportamentos, no qual as pessoas se tornaram, na imersão dos ambientes virtuais, construtoras de suas narrativas, na ocasião em que deixam de ser simples usuários para intervir diretamente no que representam, no que narram.

Esse momento rumo a uma colisão com as velhas maneiras de narrar e construir textos (escritas ou orais), o que não significa abandoná-las ou descartá-las; pelo contrário, elas estão lá/cá, sendo construídas com outros suportes e mídias, que se mesclam, ampliam e potencializam o seu protótipo hipertextual. São complementares e envolvem processos construídos em interação com as formas de negociação de significados, amparados no manuseio de recursos semióticos diferentes.

Pensar em uma pedagogia de multiletramentos que promova o ensino para dar conta da realidade emergente nas escolas aproxima-se de considerar a diversidade cultural e multimodal como um recurso, e não como um problema. Justapor diferentes culturas, discursos e estilos de linguagens enriquece a pedagogia, que passa a se desenvolver por meio de uma epistemologia do pluralismo.

Por fim, a partir dessa pesquisa teórica exploratória, sugerimos que outros aprofundamentos possam ser desenvolvidos, principalmente a respeito do que tem sido elaborado/construído em termos de narrativas hipermediáticas, de modo que percebamos os avanços nessa questão nas propostas educativas.

## Referências

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasília, DF: Brasiliense, 1994. (Obras selecionadas, volume 1)

BRUNER, J. Life as narrative. *Social Research*, New York, v. 71, n. 3, p. 691-710, set./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 18, n. 1, p. 1-21, set./dez. 1991.

CANINI, C. E. *Narrativas digitais de professores: perspectivas educacionais para as práticas pedagógicas*. 2018. 162 fls. Dissertação (Mestrado em educação) — Universidade do Planalto Catarinense, Lages, SC, 2018.

CASTRO, C.; FREITAS, C. Narrativa audiovisual para multiplataforma: um estudo preliminar. *Bibliocom*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 2-16, jan./abr. 2010.

CONCEIÇÃO, V. A. S.; PORTO, C. M.; OLIVEIRA, C. E. J. Eu narro: quer narrar comigo? Novas formas de leitura e escrita com implicações na formação docente. *Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 11, n. 1, p. 187-200, dez. 2018. <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i01.9574>

COPE, B.; KALANTZIS, M. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.

CRUZ, D. M. A produção audiovisual na virtualização do ensino superior: subsídios para a formação docente. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 8, n. 2, p. 23-44, jun. 2007. <https://doi.org/10.20396/etd.v8i2.642>

FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo, SP: Contexto, 2019.

KIELING, A. S. Narrativas digitais interativas e o uso da tecnologia como narrador implícito. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 739-58, set./dez. 2012. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2012.3.12898>

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-79, jul./dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009>

\_\_\_\_\_. Travels in hipermodality. *Visual Communication*, Thousand Oaks, v. 1, n. 3, p. 299-325, out. 2002. <https://doi.org/10.1177/147035720200100303>

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo, SP: 34, 2001.

MCLELLAN, H. Digital storytelling in higher education. *Journal of Computing in Higher Education*, Cham, v. 19, n. 1, p. 65-79, set. 2007. <https://doi.org/10.1007/BF03033420>

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NOJOSA, U. N. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In: FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo, SP: Contexto, 2019. p. 69-78.

PRADO, A. L. et al. Narrativas digitais: conceitos e contexto de letramento. *RIAAE: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. esp. 2, p. 1156-76, ago. 2017. <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.2.10286>

ROBIN, B. Digital storytelling: a powerful technology tool for the 21st century classroom. *Theory Into Practice*, London, v. 47, n. 3, p. 220-8, jul. 2008. <https://doi.org/10.1080/00405840802153916>

RODRIGUES, A. *Narrativas digitais, autoria e currículo na formação de professores mediada pelas tecnologias: uma narrativa-tese*. 2017. 274 fls. Tese (Doutorado em educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2017.

XAVIER, A. C. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 73-90, dez. 2015. <https://doi.org/10.22481/el.v13i2.1302>

\_\_\_\_\_. Educação, tecnologia e inovação: o desafio da aprendizagem hipertextualizada na escola contemporânea. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 7, n. 8.1, p. 42-61, out. 2013.

\_\_\_\_\_. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010. p. 170-80.

\_\_\_\_\_. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. 220 fls. Tese (Doutorado) — Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2002.

**Submetido em:** 03/08/2020

**Aceito em:** 02/11/2020

---

## **Sobre os autores**

### **Késsia Mileny de Paulo Moura**

Professora do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão- CCSST/UFMA. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGIE/UFRGS. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: kessiaita@gmail.com

### **Sérgio Roberto Kieling Franco**

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985), graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (1985), mestrado em Educação (1990) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). É Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor dos programas de Pós-graduação em Educação e em Informática na Educação. E-mail: sergio.franco@ufrgs.br